

Impressões pictóricas: o caso René Magritte em quadrinhos

Pictorial impressions: The René Magritte in comics

Thiago Lins da Silva¹

Resumo: Neste trabalho abordaremos o desenho como uma forma ou processo de conhecimento interdisciplinar, situado dentro dos estudos de análise de discurso, com o propósito de analisar as possibilidades de sentidos oferecidos pelo quadrinho *Óleo sobre tela* (2018), de Aline Zouvi. A HQ em questão destaca o legado do pintor surrealista belga René Magritte (1898 - 1967). Membro importante de um grupo de artistas que se denominavam “surrealistas”, Magritte dá vazão acerca da representatividade simplista sobre determinados objetos. Notam-se as características compositivas da pintura magritteana reelaboradas pela quadrinista, o que reforça o desenho não só como potência dialógica, mas também como um discurso próprio capaz de mobilizar uma rede de significações. Desta forma, examinaremos o desenho canalizado pela HQ supracitada enquanto agente e produtor de discursos (ou neste caso, de um interdiscurso em relação à pintura surrealista), seus modos de comunicar e interagir o mundo no qual vivemos.

Palavras-chave: Desenho. Quadrinhos. Discurso.

Abstract: In this work we will approach drawing as a form or process of interdisciplinary knowledge, situated within discourse analysis studies, with the purpose of analyzing the possibilities of meaning offered by the comic *Oil on Screen* (2018), by Aline Zouvi. The comic in question highlights the legacy of the Belgian surrealist painter René Magritte (1898 - 1967). An important member of a group of artists who called themselves “surrealists”, Magritte speaks about the simplistic representation of certain objects. The compositional characteristics of Magrittean painting re-elaborated by the comic artist can be noted, which reinforces the drawing not only as a dialogical power, but also as a discourse capable of mobilizing a network of meanings. In this way, we will examine the drawing channeled by the aforementioned comic book as an agent and producer of discourses (or in this case, an interdiscourse in relation to surrealist painting), its ways of communicating and interacting with the world in which we live

Keywords: Drawing. Comics. Speech.

¹ Thiago Lins é graduado em Letras Vernáculas (UEFS, 2008) e mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI UEFS, Feira de Santana, BA), lins.thiago78@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Considerando o ato de desenhar como ferramenta e processo de questionamento, de reflexão, de conhecimento e de compreensão do mundo, torna-se significativa também como modalidade discursiva, ao evidenciar o significado dos elementos ao seu redor, em uma recontextualização que evidencia novos saberes que podem aprofundar questões relativas à construção do desenho nas culturas visuais.

Compreender o desenho como um gênero discursivo é entendê-lo como uma manifestação singular e cultural da sociedade contemporânea, pela construção de um enunciado que pode ser desenvolvido a partir do que se desenha. Por conseguinte, “refletir uma ideia sem a necessidade de palavras, isto, é referencia-se na sua própria linguagem para comunicar [...]’ (Ferreira, 2017, p.19). Em suma, o desenho como um discurso próprio capaz de dar unidade a qualquer substrato teórico.

Desse modo, o problema proposto aqui é perceber como o desenho – enquanto discurso - pode transformar, significativamente, a impressão do que vemos, ao deslocar sentidos convencionais na ausência da linguagem verbal -, sob o prisma de uma narrativa gráfica em especial (as histórias em quadrinhos), uma vez que o desenho no quadrinho é elemento primordial no que tange ao desenvolvimento de uma narrativa articuladora de sentidos.

Desenvolvimento

De que modo a narrativa quadrinística pode fazer uso do desenho como gênero discursivo? Partindo dessa indagação, chegamos ao corpo artístico de nossa proposta, mais especificamente a história em quadrinhos *Óleo sobre tela* (2018), de Aline Zouvi.

A HQ em questão reelabora aspectos de narratividade pictórica – neste caso, a obra do pintor surrealista belga René Magritte² (1898-1967) –, que gera novos recursos de significação que nos levará a investigar os efeitos do discurso pictórico e seus desdobramentos nas artes visuais, de como um quadrinho em diálogo com outra modalidade artística (a pintura), ressignificando características básicas necessárias para formar um encadeamento de fatos em uma tela (Paula; Melo, 2020, *online*).

Quadrinista, cartunista e ilustradora paulista, Aline Zouvi publicou a HQ *Óleo sobre tela* (coleção Ugrito, editora Ugra Press) em 2018, cuja história é toda ambientada dentro de um museu, e tem como pano de fundo uma exposição das pinturas dedicada a René Magritte. Trata-se, a princípio, de uma leitura lírica sobre Magritte, refletindo sobre afetos contemporâneos, identitarismo, além do espaço museográfico como capacidade de expressão da arte em si.

FIGURA 01 : Magritte reimaginado pela HQ *Óleo sobre tela*.



² Membro importante de um grupo de artistas que se denominavam “surrealistas”, René Magritte (1898-1967) transmite em suas obras o universo fantástico e onírico. No tocante à obra de Magritte, um conjunto de metáforas visuais se estabelece, cujas condições de possibilidade ou entendimento não são dadas ou tomadas como naturais; tornar-se-iam, por conseguinte, merecedoras de decifração e crítica, solicitando “a imaginação e a descoberta de pontos comuns insuspeitados [...]” (Joly, 2014, p.22). Em sincronia, portanto, com “um dos princípios do funcionamento da ‘imagem surrealista’” (Joly, 2014, p.22).

Fonte: <https://vitralizado.com/?s=aline+zouvi>

As pinturas de René Magritte são “decompostas” pela HQ supracitada, ao explorar os limites da própria imagem em sua repetição e apropriação constantes de referências, para uma remodelagem da própria linguagem e sua estranheza permanente; molduras gráficas redesenhadas que, ao substituírem taticamente a tela, funcionam como um espelho, capaz de refletir o lugar do sujeito e seu comportamento.

Para maiores esclarecimentos, o desenho na linguagem quadrinística é único, singular, composto de diversas particularidades e união de diferentes sistemas de signos e demais elementos – com funções e características próprias - que são lidos em conjunto de forma sequencial; uma forma de arte, uma forma de pensar por meio de imagens visuais - formas sintetizadas representando realidades que transmitem narrativas e/ou experiências (Bruneti, 2013).

Entendido desse modo é possível concluir que o sentido completo de uma narrativa quadrinística somente se produziria na leitura do “todo articulado”; e o desenho, outrossim nos quadrinhos, enquanto registro daquilo que se percebe interna e externamente, a própria configuração do que se percebe através dos sentidos e da imaginação (Trinchão; Sobral; Paixão, 2018, *online*), um discurso intrinsecamente ligado às características que compõem seu gênero e suas especificações. Tais características podem, de forma gradativa, sofrer alterações com o passar do tempo, uma vez que o gênero discursivo destaca a “produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (Orlandi, 2005, p.16).

Vale frisar que ao observarmos seu funcionamento discursivo enquanto elemento do enunciado artístico visual, o desenho nas narrativas das HQ estabelece não só a **primazia do visual** no discurso dos quadrinhos (grifo nosso), sendo não somente arte fragmentária, de dispersão e distribuição; mas “também a arte da conjunção, da repetição, da concatenação” (Groensteen, 2015, p.32). Dito isso, enquanto

materialidade não verbal - não restrita ao estudo do material textual dos objetos literários consagrados (Pêcheux, 2015) -, o desenho pode mobilizar certas regiões da interdiscursividade, colocando em nossa análise a heterogeneidade discursiva, a dimensão (inter) discursiva que constitui não só pinturas, mas qualquer forma de arte capaz de falar mesmo sem palavras, em um contexto interpretável e localizável no tempo e no espaço. Dito de outro modo, produções de sentido que se transformaram (e se somaram) consideravelmente ao longo dos anos, que nas palavras de Michel Foucault (2007) geram enunciados conceitualizados em uma prática discursiva.

Conclusões

De forma geral, a experiência humana é mais visual e mais representada por imagens do que antes. Dispomos de imagens (midiáticas e pictóricas) que já passam pelo questionamento sobre a forma organizada dos seres e das coisas; conseqüentemente, configuram-se em um campo de estudo relevante para se ocupar em conceituar a realidade, uma vez que a imagem, como uma mensagem visual, pode ser uma ferramenta de expressão e de comunicação.

E no tocante ao Desenho, este pode funcionar como um criador de imagens visuais através de uma formação discursiva dada, representando e transformando não só uma realidade, como também outras manifestações artísticas, a exemplo dos quadrinhos, além de problematizar uma série de questões no tocante à representação do desenho contemporâneo.

Referências

BRUNETI, Ivan. **A arte de quadrinizar: filosofia e prática**. Tradução de Marcelo Brandão Cipella. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2013.

GROENSTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos**. Tradução de Érico Assis. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.

FERREIRA, Edson Dias. Desenho conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia. *In*: PACHECO, Lilian Miranda Bastos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa (Orgs.). **Tempo, cultura e linguagem**: reflexões sobre a área do conhecimento do desenho e algumas implicações. Salvador: EDUF, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. 14 ed. São Paulo: Papirus, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAULA, Marcus Vinicius de; MELO, Lucas Almeida de. **Os quadrinhos e a questão da narrativa na pintura histórica**. Disponível em: <http://novo.revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/265>. Acesso em: 05 jul.2021.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In*: Orlandi, Eni Puccinelli. (Org.). **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

TRINCHÃO, G. M. C. ; SOBRAL, P. S. ; PAIXAO, P. L. . O desenho como prática de investigação científica: Da percepção ao desenho registro. **Revista Educação Gráfica** , v. 2, p. 41-55, 2018.

ZOUVI, Aline. **Óleo sobre tela**. São Paulo: Ugra Press, 2018.